

CONVERSAS TERCEIRO-MILÊNICAS COM PAULO FREIRE E NOEMIA VARELA, EM TEMPOS DE PRIMAVERAS: UM PRIMEIRO EXERCÍCIO¹.

Lucimar Bello P. Frange²

Artigos

Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros (Paulo Freire).

RESUMO: *O presente artigo contempla o olhar, o pensar sobre Pessoas, na educação Paulo Freire e Noemia Varela, comprometidas com a educação libertadora de um SABER-SER e de um SABER-ENSINAR. Nas reminiscências da memória e da reflexão poética, a construção do discurso é feita de forma suave, porém impactante. Saberes-seres-pedagógicos que consideram, ponderam as diferenças de cada um, respeitando origens e gêneros de forma sincrônica. Tempo e espaço valorizados como fatores determinantes nas questões antropológica, social e cultural. E a importância de se considerar todos os determinantes para a elaboração de uma práxis pedagógica embasada pela pesquisa, estabelecendo-se, assim, uma condição do ensinar; exigindo respeito aos saberes dos educandos e aproveitando as experiências e vivências dos mesmos. Um ensinar alegre e esperançoso, uma relação importante e inquietante. O mundo sendo, o fazer arte, descobertas libertadoras da autoridade de saber escutar reconhecer a educação que é ideológica.*

A proposta dessa síntese de textos e de duas “pessoalidades³” – Paulo Freire⁴ e Noemia Varela⁵ – é pensar a presença dessas duas PESSOAS na educação e as suas presenças-em-nós – CO-PRESENCAS – pessoas comprometidas e compartilhadas com uma educação de possibilidades, do imbricamento entre o saber-fazer e o saber-ser-pedagógico⁶. Eu diria, um SABER-SER ancorado em saberes-seres-pedagógicos, das diferenças entre cada uma e entre todas as pessoas de uma comunidade, respeitando as etnias, os gêneros, as âncoras em tempos de “ontens”, de “amanhãs”, os quais são constituintes dos “agoras”, tempos de sociabilidades, de inter-culturalidades e de educabilidades, todas condições de ser e de sermos sós, antropológica, social e culturalmente. O presente é um momento fugaz, um tempo contido no que “já foi” (nos “ontens”) e no que fica do que escapa (Edith Derdyk). Momentos possíveis, porque desejados (os “ontens, os agoras e os amanhã”) – todos – incorporados como **valor do valor**, quero dizer um **valor de um sentido-sentido**, porque é **significativo** e, por isso, **vivido-em-vivenciação**: uma vida provocadora e propositora que se presentifica a cada momento. O presente está entendido como um instante contendo o que é agora, o que não é mais (que chamamos de “passado”) e o que não é ainda (que chamamos de “futuro”).

O ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a

¹ Palestra-aula realizada no Programa de Formação Continuada em Educação Popular, em 2001. Texto trabalhado, em partes por pequenos grupos e disponibilizado para os participantes apenas depois de vivenciadas e discutidas, no coletivo, as “máximas” destes mestres brasileiros.

² Doutora em Artes Plásticas e Diretora de Culturas da Universidade Federal de Uberlândia.

³ “Pessoalidade” é termo com o qual venho trabalhando, no sentido de uma pessoa em sua inteiridade, jeitos de ser, ancorados em momentos anteriores e em momentos posteriores (“passados” e “futuros”), vontades, desejos, sentimentos, maneiras de vestir, gesticular, enfim a pessoa com todas as suas vozes expressivas, culturais e contextuais.

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 9 ed., 1998.

⁵ FRANGE, Lucimar Bello P. *Noemia Varela e a Arte*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

⁶ OLIVEIRA, Edina Castro de. In: FREIRE, Paulo, op. cit., prefácio, p. 12.

outra presença como um 'não-eu', se reconhece a si própria. Presença que se pensa a 'si mesma', que se faz presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, decide, rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais virtude (OLIVEIRA apud FREIRE, 1998).

Paulo Freire (1998) mergulha numa *Pedagogia da Indignação*, crítica, permanentemente, a malvadez neoliberal, o cinismo de uma ideologia fatalista e a recusa inflexível do sonho à utopia. Refiro-me às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo... **uma necessária eticidade** que conota expressivamente a natureza da prática educativa, como prática formadora à qual eu acrescentaria: práticas formadoras e formantes, em dinamicidade, em constâncias e em situações – práticas-em-ato, contra as desumanidades, tais como as bombas humanas, Hiroshima e Nagasaki terceiro-milênicas de 11 de setembro de 2001, assim como todos os desrespeitos humanos em momentos tensivos, nos quais imperam o poder do poder, o poder econômico sobre os corpos, as mentes e as pessoas, anulando-as em suas construções de “pessoalidades” e de pessoas co-extensivas em construções partícipes, de um e de todos.

Ensinar é aprender a apreender, relações significativas entre as pessoas, saberes com sabores – éticos e dignos – possibilidades de dimensões coletivas, culturais e construcionais (que nunca terminam). O sujeito só se completa na relação com o objeto, e o objeto só se completa na relação com o sujeito. No entanto, esse objeto é corpus de “sujeitidades” inter-relacionais.

*(...) quem forma se forma
e re-forma ao formar,
e quem é formado
forma-se ao ser formado.
(...) Quem ensina aprende ao ensinar
e quem aprende ensina ao aprender⁷.
Não há docência sem discência.*

Somos, ao mesmo tempo, nós e sós, sós enquanto construções sociais, plurais e coletivizadas, dimensões das solidões construtivas⁸ (porque solidárias, parceiras, de cumprimentos de vidas-em-ato). Somos sujeitos culturais e sociais, buscando e encontrando o mundo que nos circunda em sua complexidade constitutiva e que nos apareça como um universo de sentido. ... os textos visuais, as imagens, como práticas culturais, transitam entre o sensível e o inteligível, práticas nas quais os sujeitos que atuam estão em busca de construir um sentido à vida ... Os criadores presentificam em seus textos as revelações do mundo ao sujeito⁹.

Para Paulo Freire (1998), não há docência sem discência. *Ensinar exige pesquisa... Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar,*

⁷ Ibid., p.25.

⁸ MAY, Rollo. *A coragem de criar*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

⁹ OLIVEIRA, Ana Claudia de. “A estesia como condição do estético”. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de, e LANDOWSKI, Eric (org.). *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: EDUC, 1995.

*constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade*¹⁰. O ensino exige uma condição de ensinamento permanente e de aprendizagem, na qual se gestem e possam ser gerados conhecimentos que, ao darem respostas, induzem a outras perguntas desafiadoras, porém sedutoras. E, ainda,

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.(...) Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.(...) Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?(OLIVEIRA, 1995)¹¹

Façamos e vislumbremos como valor, a elegia da vida-em-vivenciação, vida em percurso, trajeto de andarilhamentos, nos quais não se busca, mas se encontra, como diz Picasso. *Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer, ou seja, ação, reflexão. Proposição, ousadia, desafio, instabilidades. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea 'desarmada', indiscutivelmente, produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador*¹². As relações são de imbricamentos conceituais, pessoais, coletivos, temporais e espaciais, contextuais e inter-culturais, desejados e desejantes.

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito, porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não-eu', ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. Estão, obrigatoriamente, em sintonia, as "sujeitidades" e as "coletividades"; as "pessoalidades" e as comunidades socializáveis. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente do ensino dos conteúdos, quase sempre entendido como transferência de saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (...) É incrível que não imaginemos a significação do 'discurso' formador que faz uma escola respeita-

¹⁰ FREIRE, Paulo, op. cit., p. 32.

¹¹ Id., p. 33-4.

¹² Id., ibid, p. 42-3.

da em seu espaço (...) vários gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Se entendermos a dimensão das pluralidades humanas, as relações estão permeadas de significações. Aliás, a significação se constrói na relação sujeito-objeto e vice-versa. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço e do tempo. Somos espaciais e temporais. Temporalizamos o espaço e espacializamos o tempo. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser 'educado', vai gerando a coragem¹³. Estão como conteúdo e continente, tanto o inteligível quanto o sensível.

*Gosto de ser gente porque,
mesmo sabendo que as condições materiais,
econômicas, sociais e políticas, culturais
e ideológicas em que nos achamos
geram quase sempre barreiras de difícil superação
para o cumprimento de nossa tarefa histórica
de mudar o mundo,
sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 1998).*

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção. Quando entro numa sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não transferir conhecimento (...) ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa se ser constantemente testemunhado, vivido¹⁴. Educação como processo permanente. Como escreve Noemia Varela, sobre a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro: clima em que o educador é a presença afetiva indispensável, animando o cenário e criando a atmosfera e as estratégias mais adequadas ao processo criativo peculiar a cada criança, favorecendo, dessa forma, seu harmonioso desenvolvimento. Educandos e educador, na Escolinha, descobrem, em ritmos e níveis de criatividade diversos, que o mais importante, em todo processo educativo através da arte, é a crescente tomada de consciência do valor da capacidade criadora de cada indivíduo. Cada ser humano revela-se através de seu jogo criativo de imagens, refletindo sua visão do mundo. Percebe-se, também, como indivíduo singular, tendo uma forma própria de 'ver' a realidade. E sensibilizar-se para, ao longo de todo seu processo de crescimento, perceber o quanto essa realidade está determinada pela combinação de fatores os mais diversificados, entre eles, a informação, expectativas, necessidades, pulsões, emoções, interesses, tudo que possa influir diretamente no processo perceptivo¹⁵.

Ensinar exige consciência do inacabamento. Como professor crítico sou um 'aventureiro' responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. (...) Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser

¹³ Ibid., p. 46-51.

¹⁴ Ibid., p. 52.

¹⁵ FRANGE, Lucimar Bello P. op. cit., 2001, p. 147.

cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento¹⁶. A consciência do inacabamento entre nós, homens e mulheres, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo, eticidade que não há dúvida, podemos trair. O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidades em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. (...) Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente¹⁷.

Ensinar exige alegria e esperança. (...) Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e da esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria (...) a esperança faz parte da natureza humana. (...) Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando às favelas ou às realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (...) A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho¹⁸.

A voz de Noemia, no texto **Algumas Memórias**, dialoga com as vozes Paulo Freirianas, pois evidencia a alegria, a esperança, as mudanças ancoradas em percursos de inquietações: *começa a reforma do pequeno chalé do início do século, descoberto por Hermilo Borba na rua do Cupim/Graças, onde até hoje funciona a Escolinha. Chalé memoroso. Há quem diga que foi refúgio de escravos, onde ficavam aguardando fuga pelo Capibaribe; para outros foi até mesmo casa de Pastoril Profano, barra pesada; e para Augusto Rodrigues espaço onde, bem criança, aprendera a ler com professora dos velhos tempos ... O chalé transforma-se. Abelardo Rodrigues cria um jardim, emoldurando o chalé, onde roseiras, gravatás, pitombeira, jasmineiros, mangueira, azeitoneira, goiabeira e outros verdes têm voz e perfume. Móveis doados e outros comprados em antiquários bem acessíveis. Casa arrumada como uma casa ao alcance da sensibilidade estética de crianças de todos os quadrantes.*

Começam as atividades... As primeiras crianças aparecem – com suas mães, tias, seus irmãos e algumas com suas babás. Todos curiosos: MENINO FAZ ARTE? ...

¹⁶ FREIRE, Paulo, op. cit., p. 55.

¹⁷ Id., p. 64.

¹⁸ Id. Ibid., p. 85-8.

Tempos de descobertas, de vibração, transmissão de idéia de beleza e integridade de vida – 35 anos de significativa experiência, valendo como suporte básico para se pensar o sentido da arte no processo de desenvolvimento, nesta passagem de século. Mas, mapear a memória da Escolinha de Arte do Recife prende-se à exigência de pesquisar e pensar arte-educação enquanto desdobramento da própria educação geral; educação como fazer humano criador na busca do saber, para melhor sentir este mundo fascinante em que vivemos, onde cresce a necessidade de descobri-lo em suas ambigüidades e recriá-lo a cada amanhecer, sempre numa dimensão qualitativa.

A alegria, segundo Spinoza, é a passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior. Na alegria, é a totalidade da pessoa que agrega e equilibra as conjunções (as sintonias) e as disjunções (as dissintonias) em relação à totalidade da vida: sentir, compreender, força de agir, criticar e propor social, cultural e sistematizadamente. A cultura dá satisfação, abre mais campos de esperanças, permite enfrentamentos aos desafios e os prazeres de pequenas “vitórias” (não sobre as outras pessoas ou sobre os objetos), mas como percursos de vida-em-vivência, ao invés da permanência nas incoerências, nas aproximações e nas indecisões. *A satisfação na cultura pode e deve culminar em ação que mude alguma coisa no mundo, participe às forças que mudam algo no mundo. Em suma, a alegria da cultura como que fortalecendo a confiança em mim mesmo, a confiança na vida; amar mais o mundo, apreendê-lo como mais estimulante, mais acolhedor*¹⁹. A alegria como um embalo profundo do afeto e das inter-relações afetuais e de afetividades, nas quais eu me deixe afetar, afete os outros e, em clima de eticidade, nos afetemos, nos transformando e transformando o mundo, no qual somos partícipes – partes inteiras.

*Ensinar (novamente a voz de Paulo Freire, um dos norteadores dessa reflexão), exige curiosidade. (...) O bom clima pedagógico-democrático é o que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade como sua liberdade devem estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais. Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. (...) O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (...) Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se ‘rigoriza’, tanto mais epistemológica ela vai se tornando. (...) O exercício da curiosidade convoca o imaginário, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Ensinar é uma especificidade humana, exige segurança, competência profissional e generosidade, liberdade e autoridade, saber escutar e reconhecer que a educação é ideológica*²⁰.

As inter-relações Freirianas e Noemianas se tecem em algumas conjunções (semelhanças) e, concomitantemente, em algumas disjunções (diferenças). Aponto, num primeiro momento, para aprofundarmos a nossa práxis, algumas entre-falas: Paulo Freire ao falar em **docência sem**

¹⁹ Ver o capítulo “Alegria e alegrias culturais”. In: SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

²⁰ *Op. cit.*, p. 97-8.

discência e ensinamento que exige respeito aos saberes dos educandos; reflexão crítica sobre a prática; o reconhecimento e a assunção da identidade cultural dialoga com as vozes Noemianas, no seguinte fragmento do texto *A Cidade dos Bichos: caleidoscópio do imaginário*²¹.

Cenário-personagens

Escolinha de Arte do Brasil, 1973. Classe de atividades artísticas para crianças de quatro a sete anos. Clima informal. Sala-laboratório, onde cerca de quinze crianças podem, espontaneamente, desenhar, pintar, modelar, fazer teatro, pesquisar sons, criar suas histórias e seus brinquedos e, ainda, fazer outras experiências por meio da arte. Não há ensino de técnicas, tarefas determinadas, mas a oportunidade para experiências em processo criativo a partir de interesses e necessidades dos participantes. Essa experiência **lúdico-criativa**²², geradora de idéias, serve de ponte entre o mundo real e o da fantasia da criança – ponto de partida para novos comportamentos, incentivo natural à expressão e à comunicação, ao seu relacionamento com pessoas, à sua função simbólica.

Frases de alunos de Noemia que freqüentaram os cursos do CIAE - Curso de Intensivo de Arte Educação, no período dos anos 70 e 80, na Escolinha de Arte do Recife.

_ O Curso que mostrou a importância da arte no fazer humano – em todo o fazer humano. Funcionou como um norte, como espaço antecipatório e introdutor de uma 'educação criadora'.

_ No CIAE encontrei um programa de formação que funcionou como o mais importante em toda a minha vida, até agora (...) conquista de vida nova (...) me situou em relação à vida (...) um fazer intuitivo e prazeroso e não apenas aquisição de conhecimentos sobre arte-educação em várias dimensões (...) um questionamento sobre o fazer criativo (...) hoje estou inquieto com o meu trabalho como educador e como artista. A passagem desse sujeito, professor-estudante, pelo Curso Intensivo mostra os seguintes percursos de transformações: o questionamento sobre o fazer criativo (...) a atuação inquieta como professor e artista (...) o fazer intuitivo e prazeroso (...) o mais importante em toda a vida (...) conquista de vida nova. Hoje é momento presente que mostra a contaminação do estado de inquietude, de insegurança (estado disjunto) e de estado construcional (conjunto). A junção (conjunções e disjunções) se realiza pela maior importância dada à vida, após as mudanças.

_ Cada Curso Intensivo era diferente, mas o básico, em todos eles, era a formação do professor-aluno numa proposta de trabalho criador, acolhida, orientada, respeitada e crescida num processo dinâmico de um constante inter-relacionamento criativo. A coordenação deixava espaços para a contestação e a renovação de valores de um acontecer

²¹ O texto de Noemia Varela – *A Cidade dos Bichos; caleidoscópio do imaginário* – é construído a partir dos “mils” desenhos do Sérgio, denominado *Cidade dos Bichos*, constando nele a situação na qual foi criado, o contexto da sala de aula, a presença da professora Maria Thereza Ventura e seus saberes, a leitura e compreensão de Noemia (a diretora da Escolinha), percebendo, acompanhando, registrando, analisando e fundamentando as experiências das pessoas e situações nelas incorporadas, mostrando que os desenhos de Sérgio vão muito além de uma primeira visão.

²² Sobre as relações entre desenho e escrita, faço a sugestão de que se veja a história em quadrinhos do Sérgio e o capítulo “Relações entre Desenho e Escrita”, no livro de Analice Dutra Pillar. *Desenho & Escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 90-170.

indicador de mobilização constante da realidade, sempre devolvido ao professor-aluno²³. O trabalho criador se dá a ver no respeito ao aluno, recebido, orientado, discordante dos valores, e é reiterado nesse mesmo texto (...) aguardar de todo os ex-alunos, sugestões, planos, crítica construtiva, idéias, novas idéias (para o curso de 73). A estrutura é de contradição e de implantação.

— Era o professor estudante revivendo a cada momento a experiência, pois o curso foi fundamental para todos nós. Não havia uma posição distinta entre professor e aluno e havia Noemia como coordenadora do curso. Participei de uma atividade à qual ela me introduziu: 'O Diário', uma seção em que nos reuníamos e um participante do grupo lia para nós o que tinha sido um dia de experiência no CIAE. Foi uma experiência muito longa, às vezes muito comovente, às vezes surpreendente. Foi o que me permitiu saber o que ocorria no Curso. (...) Meu fascínio era cada vez maior, porque assim eu tinha as informações e pude acompanhar de perto o que ele representou. Com toda essa experiência viajei para a Inglaterra, onde estou há sete anos.²⁴

— Há agora (1997), um CIAE pós-Noemia. Hoje não existe o 'costurar' que ela ensinou a construir. Falo do CIAE de antes, de um lado Augusto Rodrigues com uma criatividade sem limites, era muito inteligente, criando espaços e chamando as pessoas, e de outro Noemia, a substância filosófica, teórica e construtora das idéias do CIAE, que foi o grande pólo da Escolinha. Noemia conseguiu estruturar uma filosofia, um objeto de estudo, tanto teórico, quanto prático – o processo criador, uma construção da consciência estética. As relações essenciais: o que é expressão? O que é criação? O que é arte? Complexos e controversos. Trabalhava a linguagem, a imagem, o som, o tempo. Ela pensava o processo de criação na arte e na vida.

A experiência construída (...) professor estudante revivendo a cada momento (...) 'O Diário', comovente, surpreendente (...) dão a dimensão do sensível atrelado ao cognoscível. O nível do sentido no sensível não é o da significação; é anterior a ela. O sensível é um dos componentes do fascínio que dá importância ao que a experiência representa, pois se presentifica como valor (...) curso fundamental para nós (...) com toda essa experiência viajei (...) mostrando um sujeito abastecido.

Algumas perguntas reenfatizam o pensamento inquieto de Noemia, marcas de um sujeito em estado de incompletude (a imperfeição vai permitir, como oposto complementar, a busca constante da perfeição), por isto, seus "alunos" são sujeitos de buscas e propositores de alterações contínuas (do não-ainda ao já, ancorados no não-mais) – uma educação criadora a ser instaurada desde a infância e por toda a vida.

São constantes nos texto de Noemia, as perguntas: e por que não a escola do Homem Criativo para a redenção do Robô? Que fazer e saber são necessários para sua formação? E onde está a arte de levar o Homem à descoberta do 'novo mestre' em si mesmo? Onde encontrar a escola criativa para formar professores, capazes de renovar ou criar uma nova escola? Como poderíamos trabalhar esse 'novo mestre'?(...) velho-mestre, novo-mestre, mestre-do-futuro. Este último trabalhando desde sua infância, na perspec-

²³ VARELA, Noemia. A formação do arte-educador no Brasil. In: *História da arte-educação*. São Paulo: Max Limonad, 1986, pp. 21-2.

²⁴ ELLIOT, L. Uma experiência inglesa. In: BARBOSA, A. M. *História da arte-educação no Brasil*. São Paulo: MAC/USP, 1986, pp. 28-34.

tiva de seu 'devenir' e na abertura de uma educação preventiva que totalize a capacidade criadora do Homem.

Dando continuidade a um texto, que jamais termina, pergunto: quais têm sido os novos mestres em nós e em nossas práxis?

Obrigada Paulo Freire, Noemia Varela e ao Grupo de Formação Continuada em Educação Popular, pelos prazeres e desafios de, em nos pensando, inventarmos e construirmos outras relações e inter-relações antropológicas e sociais; contextuais e culturais; gnoseológicas e epistemológicas.